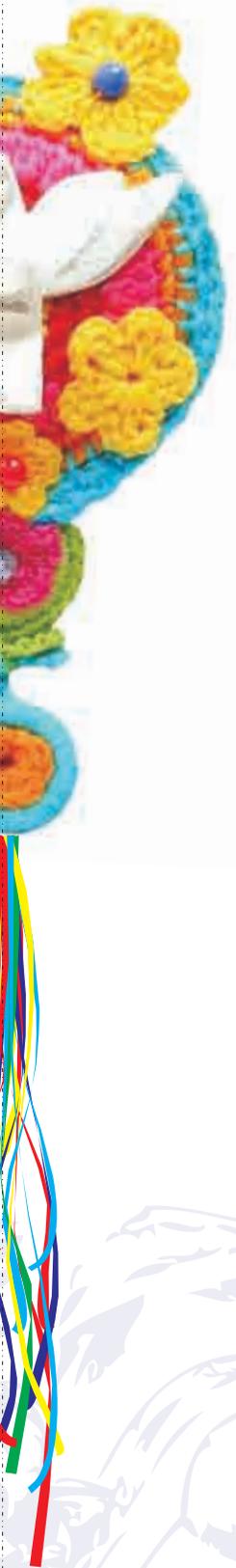




PALAVRA PROTETORA

Na minha tarefa de monitora no curso de Formação Intercultural de Educadores Indígenas deparei-me com inúmeros desafios; e posso dizer que o nome mais verdadeiro deste curso é mesmo interculturalidade. A cada ida à aldeia, com objetivo de contribuir na organização de livros de autoria xacriabá, tantos mais aprendizados para mim. A minha função? Ajudar na escrita, fazer a intermediação das alunas com a orientadora, da UFMG com a aldeia.

Um dos livros monitorados por mim foi o de Iracema Macedo, Andrelina Gonçalves e Francisca Gonçalves, intitulado *Para o trono lilar*: transmitindo nossos cantos, danças e rezas xacriabá.



Já de início, um balançar em meus planos: as coisas mais importantes e interessantes deste livro aconteceram fora do meu *habitat*, ou seja, na aldeia. Era lá, sem computador, *pen-drive* que funcionasse, sem esses fascinantes aparatos da escrita, que conseguimos mesmo escrever.

Iracema, Chica e Dila escreviam, e eu dizia: “está muito sintético, explique mais um pouco, explique mais um pouco”. Para elas, era tudo óbvio, para que explicar o óbvio? Esse foi o primeiro desafio, contribuir com um olhar estrangeiro, para que as pesquisadoras tentassem se colocar num lugar de fora, para encontrar algo novo no que era tão comum para elas. Realizar mesmo uma reflexão, e não apenas uma compilação de textos.

No final das contas, do que fala esse livro? (Era sobre isso que tanto pensávamos). Textos sagrados ou profanos? Indígenas, católicos, mestiços? Que rezas são essas rezas?

Rezas: minha família é católica do tipo bem católica, eu sempre soube o que era reza. Eis então outro balançar nas certezas. Foi demorado entender o que eram as rezas para os Xacriabá. Foi

demorado explicar que as rezas do mundo de cá, o urbano, o meu, têm outro significado. Relembrei meus tempos de 1ª comunhão e rezei uma Salve Rainha, tal qual eu a conheço, e disse: “Isso é uma reza, pra mim”. Elas riram muito, das palavras, do jeito como eu rezava, acharam curioso que eu também soubesse aquele texto e concluíram: “Isso é Salve Rainha, não é uma reza”.



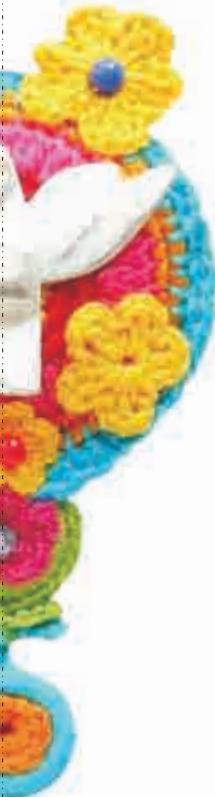


Fiquei então sabendo que *reza* era na verdade uma sequência de rezas, era evento, circunstância: “Vamos para a reza?”, daí fiquei sabendo também que reza tem bendito, pode ser antecedida por folia, pode ser precedida por lundu, mais uma série de detalhes, que se alteram, dependendo da reza, do dia, da festa em que se reza. Reza pode ser animada, dançada.

Tentamos, por orientação de Lúcia Castello Branco, a orientadora da pesquisa, buscar uma palavra que sintetizasse (afinal, *sintetizar* é uma das operações que se busca no mundo escolar, acadêmico) *dança, reza, folia, bendito*. Uma única palavra, geral, que englobasse tudo isso que as pesquisadoras queriam estudar. Não encontramos.

Penso agora numa boa expressão, usada pelas pesquisadoras em um dos agradecimentos: *Palavra protetora*. Penso que é disto que esse livro trata, da palavra protetora, da palavra que é sabida coletivamente e de cor, palavra que nos protege da solidão porque se canta junto. Palavra que não carece de raciocínio, que os lábios não se cansaram de repetir. Palavra espontânea e automática, que nos livra da falta de sentido, pois ocupa o vazio, como um mantra. Palavra possível de voz, melodia. Palavra alegre, que salva da angústia. Palavra protetora, salvadora, livradora, guardadora. Palavra para lilar.





Palavra que fala de açucena, rosa e cravo. Caminha de palha do menino Jesus, entrada de ano novo. Que pede chuva na terra, que recorda certa estrela resplandecente, que rima com prazer e alegria.

Palavra para a qual todos os anjos dizem amém. Ou:

êta diá, oiá.

oiá, laô, oiá...

Laô diá... laô diá, laô, laô, laô... oooooooooo

E como essa palavra, muitas vezes cantada em tantas vozes, ia ser grafada no papel?

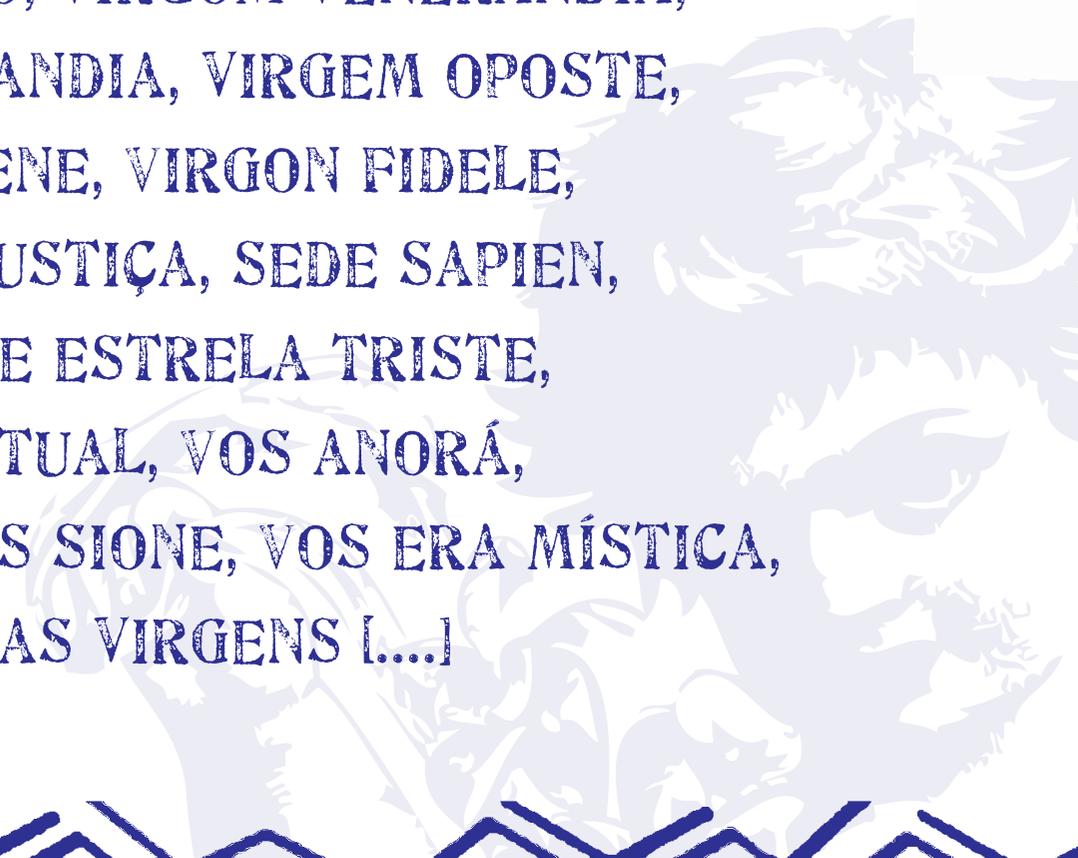
Outro grande desafio.

Um olhar desavisado, que corresse pelas páginas do livro, poderia questionar: que língua é essa?

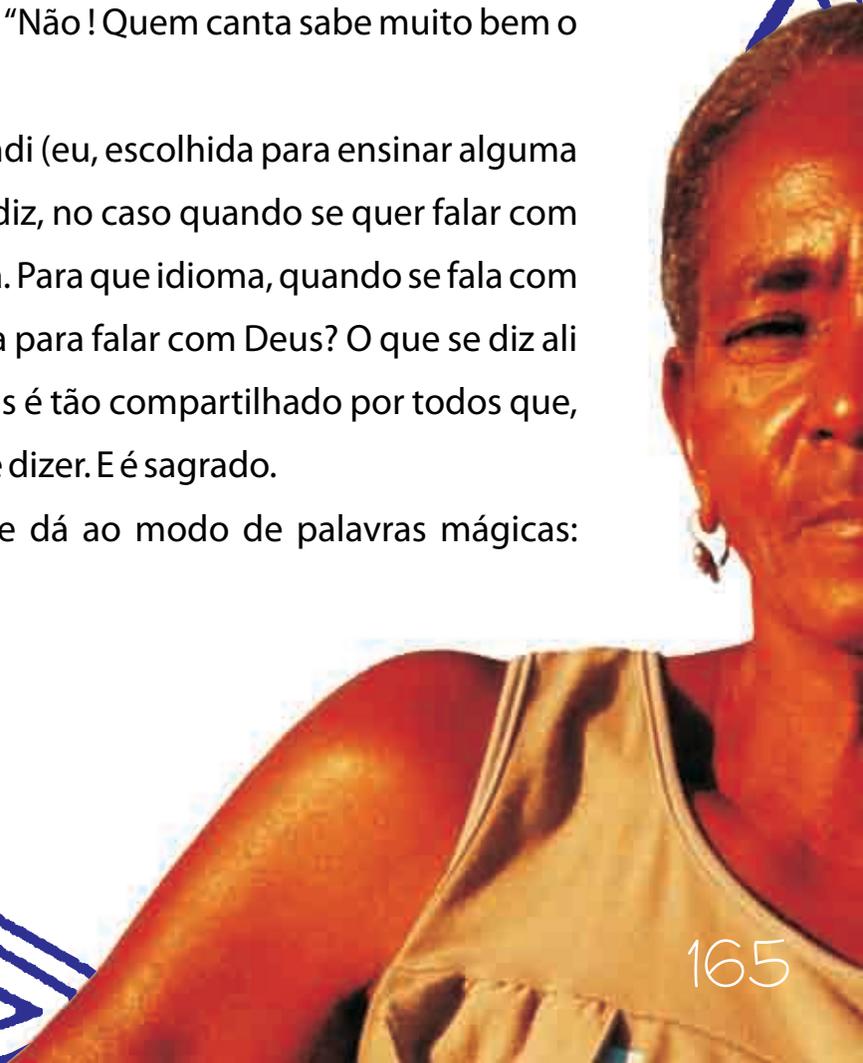
Quirielezone, quiristelezone, quiristelezau, virgavenerandia, matedivinegrassi, peccatemundeus nozarerenobe, arameia.

Palavras gigantes de alta modernidade, travalínguas, puro significante? Que língua é essa língua?

Santa Dejena, Santa Virgam Virgo, materecris, matedivinegraça, matepuríssima, matecastissi, matepuríssima, mateviolata, matemerata, matetemerata, matedimirá, matecriatóro, matesalvatóro, virgom venerandia, virgom pé de candia, Virgem oposte, Virgem oclene, virgon fidele, espeque na justiça, sede sapien, casa nova e estrela triste, vos espiritual, vos anorá, vos ensigna de vos sione, vos era mística, torre das Virgens [....]



SANTA DEJENA, SANTA VIRGAM VIRGO,
MATERECRIS, MATEDIVINEGRAÇA,
MATEPURÍSSIMA, MATECASTISSI,
MATEPURÍSSIMA, MATEVIOLATA,
MATEMERATA, MATETEMERATA,
MATEDIMIRÁ, MATECRIATÓRO,
MATESALVATÓRO, VIRGOM VENERANDIA,
VIRGOM PÉ DE CANDIA, VIRGEM OPOSTE,
VIRGEM OCLENE, VIRGON FIDELE,
ESPEQUE NA JUSTIÇA, SEDE SAPIEN,
CASA NOVA E ESTRELA TRISTE,
VOS ESPIRITUAL, VOS ANORÁ,
VOS ENSIGNA DE VOS SIONE, VOS ERA MÍSTICA,
TORRE DAS VIRGENS [....]



Mistura de latim, português, *xacriabês*, som, som, som.

Perguntei, ao ver tudo digitado (por elas) e incompreensível (para mim): “Mas, vocês sabem o que significa?” Resposta de Chica, risos de todas: “Quem é que vai saber isso?” Disseram-me que aquilo era coisa cantada há muito tempo, rezado assim por gerações, naquele pedaço de município chamado Missões (São João das Missões). “*Mater é mãe*, em latim”, eu disse. “Ah, é? *Mater é mãe?*”, me disseram com surpresa, diante de uma informação meio inútil, mais para curiosidade pitoresca do que exatamente informação. Informação que nada iria importar para a continuidade das rezas. Mais uma pergunta: “Então quem canta, canta mesmo sem saber o que significa?”. “Não! Quem canta sabe muito bem o que canta!”, foi a resposta.

Coisa importante esta que eu aprendi (eu, escolhida para ensinar alguma coisa sobre livro, escrita, letras): o que se diz, no caso quando se quer falar com Deus, não depende tanto assim do idioma. Para que idioma, quando se fala com Deus? Em outras palavras, qual é o idioma para falar com Deus? O que se diz ali nas rezas, lundus, folias, benditos e danças é tão compartilhado por todos que, na verdade, já está dito mesmo antes de se dizer. E é sagrado.

O pronunciamento das palavras se dá ao modo de palavras mágicas: *abracadabra, quiristelezau*.





Nessa língua, o “pecado original” se transforma em “pecador ginal”; as “cinco chagas” de Cristo em “sim conchaga”, o verbo “socorrer” soma-se ao “recorrer-me a vós”, e os dois acabam por formar “secorrer meus avós”. As muitas repetições, tão próprias do oral, são maravilhosas: “o piedoso o piedoso é o doce”, “virgem podentíssima, Maria entíssima”, “do vosso ventre e entre o Quelemente”.

Legítima apropriação de uma língua estrangeira. Evidência da falta de sentido de uma língua vinda de uma igreja sem calor, de tão distante. Busca por esse sentido ausente. Língua que volta ao primitivo, às línguas primeiras, que rasga o verbo, que devora o português, o latim, a erudição, a legibilidade (antropofagicamente?).

Optamos – o grupo, a orientadora e eu – por manter a escrita em toda a sua estranheza, para acompanhar a estranheza que talvez seja este catolicismo em terra indígena, essas ladainhas seguidas de lundus, essa estranheza que no final das contas faz de nós, humanos, um pouco mais perto de Deus – afinal, língua sem atrito, isolada e “limpa”, comunica muito pouco e comete o pecado do egoísmo.

Além do livro, o CD. O som que o papel não capta.

Cristina Borges

Monitora - Múltiplas Linguagens - FIEI

